

|

Amarração, de Renato Rezende, Editora Circuito, 153 páginas, R\$ 29,00

Por Elias Fajardo*

Em "Amarração", primeiro romance do poeta Renato Rezende, o personagem principal, Murilo M., é um misto de escritor, ensaísta e viajante. Seu principal interesse é o relacionamento amoroso e, ao longo de todo o livro, ele narra suas aventuras com diferentes parceiras, entremeadas com reflexões sobre temas como o sexo, o amor, as dificuldades de encontro e comunicação entre os amantes e a consequente solidão que permeia as vidas humanas.

O livro se desenvolve de forma fragmentada e o autor não se preocupa em fornecer ao leitor dados objetivos sobre o cotidiano de seus personagens nem em encadear cronologicamente sua narrativa. Mas os amantes da poesia encontrarão em "Amarração" momentos instigantes de texto, como este que trata da relação com o outro:

"A outra pessoa está circunscrita pelos limites da minha própria visão, pela minha própria percepção de mundo e, logo, o que vejo no outro sou sempre eu, não há um exterior a mim mesmo, o outro é sempre eu e eu estou encarcerado em mim mesmo (...) as imagens dos outros são simplesmente os pontos mais distantes daquilo que sou".

E, nesses termos, já que amar se torna uma impossibilidade, Renato Rezende procura se debruçar sobre outros sentimentos extremados, entre eles o ódio, que, segundo Murilo M., "recompõe o indivíduo, afasta o desejo de uma entidade única, para restabelecer a dualidade: e agora é matar ou morrer". Na sequência, o protagonista afirma também que "o amor é um sonho impossível de ser um quando somos dois, irremediavelmente divididos e separados. Por isso, é impossível amar alguém sem odiá-lo ao mesmo tempo".

João Anzanello Carrascoza escreve na orelha do livro que o registro dos encontros de Murilo M. com suas amantes "oscila do pensamento humano à prosa metafísica, do ridículo (que todos somos quando apaixonados, como escreveu Pessoa) ao sublime (que seremos se lograrmos reunir nossos estilhaços)". Se partirmos deste ponto de vista, podemos pensar que "Amarração" é uma tentativa de reunir os diversos pedaços de seu autor, que inclusive emprega diferentes maneiras de escritura. Ora o romance tem a forma de um diário, em que o protagonista registra suas impressões e as elocuções filosóficas que lhe povoam a mente; ora são os pensamentos íntimos e divagações das suas mulheres escritos em negrito (e muitas vezes Murilo a elas se mistura, tenta ser elas, numa assumida androginia). E de repente também surgem trechos escritos em forma de roteiro para televisão ou cinema, no caso um diálogo por internet entre o protagonista e uma mulher que vive em outra cidade. Mais adiante, vamos encontrar uma narrativa de uma viagem à Índia, feita com sensibilidade e conhecimento de causa, já que Renato Rezende viveu vários anos num *ashram* naquele país. Finalmente, também poderíamos

destacar as cenas de sexo, que mesclam um tom muito cru com devaneios poéticos.

As moças, por seu lado, também são bastante diversas. Glória é uma jovem que vive na favela e se apresenta como dançarina de samba; Juliana é uma artista plástica de sucesso que não se satisfaz com sua realização profissional, Sol uma mulher casada que hesita em traer o marido. E assim por diante. Mas elas aparecem de tal modo emboladas que é muito fácil ao leitor confundir uma com a outra. Até porque, diante de tipos de mulheres tão diferentes, a forma de Murilo M. se relacionar com elas é basicamente a mesma: oscila entre um deslumbramento diante do corpo (uma das obsessões do personagem a um dos temas recorrentes do romance) e uma ironia e uma inquietação que aparecem quase a cada página.

É claro que, num romance contemporâneo, as experimentações estão presentes e fazem parte do escopo da narrativa. E não se pode exigir começo, meio e fim de algo que é, por essência, fragmentado. Mas a passagem de uma situação para outra sem "pontes" e, algumas vezes, a repetição do tom das observações filosóficas comprometem o esforço genuíno de um poeta premiado (seu livro "Ímpar", publicado pela editora Lamparina em 2005, ganhou o prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional) e de um romancista em construção.

No final, um longo momento de encontro consigo mesmo, hora de juntar os cacos do espelho estilhaçado em que o personagem e seu autor se miram na tentativa de apreender o fluxo da vida.

***Elias Fajardo é jornalista, autor do romance “Ser tão menino”**